



VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS SITUACIONAIS: ADAPTANDO A LÍNGUA AO CONTEXTO

¹Clarice Ana Bertuol
Adriana de Jesus Scholtz² (orientadora)
Linha de Pesquisa: Sociolinguística Variacionista

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo principal evidenciar, a partir da análise da charge de Roberto Kroll, a importância da variação linguística e sua adaptabilidade a diferentes situações comunicativas. A pesquisa realizada baseou-se na metodologia de cunho qualitativo e a análise e coleta dos dados ocorreu através de um levantamento bibliográfico, tendo como finalidade analisar e compreender as diferentes formas de variação linguística, mais especificamente a situacional, que retoma um tema bastante discutido no decorrer dos anos e na atualidade: a capacidade que um falante tem de "vestir-se" de uma língua para cada contexto do dia a dia e de acordo com sua necessidade de comunicação. Para tanto, classificam-se como objetivos específicos: a) demonstrar que nenhuma manifestação linguística é superior a outra; b) evidenciar que, em determinados contextos, até mesmo a gramática normativa pode virar "erro"; c) expor concepções de variação que geram o preconceito linguístico; mostrar a capacidade de adequação comunicativa do falante através da variação situacional. Através por meio deste artigo pôde-se observar que a linguagem é passível de variação de acordo com a situação imposta, sendo o falante capaz de discernir qual a variação correta de utilização de acordo com a situação vivenciada, ou seja, a gramática padrão pode sim ser aplicada, porém de acordo com o contexto exigido por cada situação especificamente.

Palavras-chave: Linguagem. Variação. Sociolinguística.

INTRODUÇÃO

É possível identificar a presença da variação linguística no cotidiano de todos os falantes e estudá-la é muito importante para romper estigmas que, muitas vezes, são estabelecidos pela sociedade a partir de uma visão preconceituosa dos modos de falar que se afastam da gramática normativa, tida, por muitos estudiosos, como uma espécie de modelo que normatiza a fala e a escrita.

No entanto, classificar um modelo e normatizar um modo de falar como único e correto é desconsiderar a heterogeneidade da língua e suas diversas possibilidades de uso, ignorando também sua capacidade de mudança e renovação. É preciso considerar, assim, que por não ser

¹ Acadêmica de Graduação em Letras Português e Literatura de Língua Portuguesa. cbertuol@gmail.com.

² Graduada em Letras Português e suas Literaturas pela Unicentro, especialista em Letras: interfaces entre estudos linguísticos e literários pela mesma universidade. Mestre em Estudos Linguísticos pela UFFS-Chapecó e doutorando em Estudos da Linguagem pela Unioeste-Cascavel.

estável e estar em constante transformação, novas palavras surgem a todo instante e formas o que antes eram valorizadas podem cair em desuso com o tempo, como é o caso que será exposto na charge, selecionada como objeto de análise neste estudo.

O fato é que não existe uma limitação da língua, embora exista uma normatização, o falante tem a liberdade para adaptar a linguagem ao seu estilo de vida e meio de convivência, ao seu vocabulário, concordância, e linguagem em geral, isso porque, conforme já exposto, a língua é considerada um organismo vivo e é empregada em diversas situações e em diferentes contextos, possibilitando novos usos acompanhando, assim, as mudanças que ocorrem na sociedade, que também está em constante evolução e transformação.

Isso ocorre no tempo, no espaço geográfico, nas diferentes regiões e em todas as situações que mudam na sociedade. Da mesma forma, as variações linguísticas surgem e envolvem diversos aspectos: geográficos, culturais, sociais, históricos, entre outros. Daí a importância de se compreender as variações linguísticas pois, ao contrário do que muitos pensam, elas não são um erro.

Assim, dentre os diversos tipos de variação, está a variação linguística situacional, em que consiste na adaptação da fala de acordo com os falantes adaptam sua fala de acordo com o contexto e situação em que se encontram e de acordo com seu interlocutor, fatores que estão diretamente ligados ao processo comunicativo que, neste caso, é informal.

Tomando tais considerações como ponto de partida, selecionamos a charge de Roberto Kroll, publicada em 2011 para o blog do Centro Universitário UniSEB, como base para análise já que demonstra de forma divertida, a importância da adequação linguística, pois, conforme já mencionado anteriormente, em alguns contextos de uso, utilizar uma linguagem muito rebuscada e cheia de arcaísmos faz com que seja perdida a espontaneidade da fala, o que prejudica a dinamicidade da língua.

A metodologia aplicada ao presente estudo é de cunho qualitativo e pode ser classificada como bibliográfica já que nos baseamos em pesquisas bibliográficas sobre a temática e utilizamos, para a análise da charge, consultas a documentos como: livros, revistas, artigos, dissertações e teses, desenvolvendo-se, assim, um portfólio bibliográfico visando obter subsídios para atingir os objetivos propostos neste estudo. Já a discussão ocorreu através de comparação e apresentação de teorias dos autores em comparação com os objetivos traçados.

Com isso, classificamos como objetivo principal evidenciar, a partir da análise da charge de Roberto Kroll, a importância da variação linguística e sua adaptabilidade a diferentes situações comunicativas. Para o maior entendimento do assunto como um todo e para dar

suporte às nossas discussões, apresentamos como objetivos específicos: evidenciar que nenhuma manifestação linguística é superior à outra; salientar que, em determinados contextos, até mesmo a gramática normativa pode virar "erro"; expor concepções de variação que geram o preconceito linguístico; mostrar a capacidade de adequação comunicativa do falante por meio da variação situacional.

PRESSUPOSTO TEÓRICO

SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

As relações humanas são construídas através do exercício da linguagem, tanto a língua quanto a sociedade não podem ser concebidas uma sem a outra. Envolve nesta ideia de concepção que ao fim da década de 60 surgiu a Sociolinguística sendo seu principal pesquisador William Labov, linguista norte-americano que visualizou o princípio básico de que as línguas sofrem variações e devem ser observadas e analisadas de acordo com a relação destas com a sociedade que as utiliza. (LYONS, 2011).

Segundo a concepção de Costa (1996) dentre os objetivos da Sociolinguística está o de estudar a língua em uso, considerando os contextos sociais reais no qual é utilizada. Outra finalidade da Sociolinguística é estudar e compreender os elementos motivadores que produzem a variação linguística bem como identificar e analisar como tais elementos contribuem para as mudanças. Neste contexto da Sociolinguística encontra-se a língua portuguesa que, assim como outras línguas, sofre constantes mudanças pela busca de um padrão. É fato que existe, na língua portuguesa, a norma-padrão e a norma culta a serem utilizados, tanto para a linguagem verbal quanto para a não verbal, esta última representada por “gestos, expressões fisionômicas, símbolos”, caracterizando, dessa forma, uma enorme variedade de tipos de comunicação.

Conforme a visão de Bechara (2015, p. 30), a linguagem pode ser definida como “qualquer sistema de signos simbólicos utilizados na intercomunicação social para demonstrar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência”. Dessa forma, o conceito de variação fica ainda mais claro e de fácil entendimento, isso porque todos conhecem ao menos uma pessoa que fale diferente, seja em relação à fonética, à fonologia, à morfologia, à estilística, ao léxico. Observa-se que ambos os autores reconhecem a variação linguística.

O que se nota, dessa forma, é que a língua portuguesa é muito rica e apresenta variações notórias no que diz respeito à diferença de região, de nível sociocultural, de grau de instrução,

da situação em que se fala, do grupo em que cada falante está inserido, da ascendência, entre outros fatores. Ainda sobre o assunto, é importante expor as considerações de Murrie (2004, p. 15) que afirma que a variação linguística se trata de uma herança social e é principalmente “[...] uma vitalidade que conserva a língua viva e por mais que arrisquem fossilizar a língua, definindo regras a serem seguidas, ela sempre surpreende com sua diversidade”.

Dentro desta diversidade linguística, pode-se observar Bagno (2007) o qual ressalta a diferença entre diversidades linguísticas e norma padrão, podendo ser denominadas de variedades populares enquanto que a linguagem formal pode ser denominada como norma culta, no entanto as duas não são sinônimas. O autor ressalta, ainda, que a norma culta é uma variedade linguística exercitada em determinadas situações, que detêm um certo grau de formalidade.

Na visão de Faraco (2002, p. 40), a determinação do adjetivo “culto” na designação “variedade culta”, pode gerar equívoco e fazer com que muitas pessoas entendam que apenas os falantes dessa variedade são cultos e que os outros sujeitos são incultos e ignorantes. No entanto, o autor ressalta que este termo se refere às variedades utilizadas pelas pessoas que têm mais contato com a cultura escrita. O autor descreve ainda que a variedade culta é notória no uso real da língua, o uso real da língua não condiz com o padrão.

Ainda sobre o tema Bagno (2002, p. 31) ressalta que assim como a norma padrão deve ser respeitada e aceita, deve existir aceitação e respeito às variações da língua, sobretudo a linguagem oral. Assim o autor descreve:

Não se trata de simplesmente substituir uma Norma Padrão, anacrônica e destoante da realidade presente da língua viva, por uma outra, mais atualizada. Isso diz respeito a uma troca de referencial, concebendo um novo modelo, que fatalmente se tornaria ele também obsoleto, isto porque os processos de mudança e variação das línguas vivas são constantes e ininterruptos. Além do que, utilizando apenas os usos linguísticos das camadas privilegiadas da sociedade, ou seja, a linguagem culta, ocorreria a exclusão social dos milhões de brasileiros que não se encontram nestas camadas. Ou seja, fica explícito que a língua é viva, está em constante mudança e, com isso, a pluralidade é inevitável, a depender do tempo, do ambiente, do grupo, da faixa etária, do grau de instrução, do nível social, da região, da ascendência, entre outros fatores, e isso não pode ser ignorado. No entanto, reescrever a gramática seria criar um novo modelo padrão, o que não é coerente, pois, isso demandaria normatizar a língua atual, e, mais tarde, esta norma ser ampliada para outras mudanças. (BAGNO, 2002, p. 31).

Neste contexto de norma padrão, a fim de criar subsídios que favoreçam o aprendizado da linguagem, constitui-se a gramática normativa. Na qual segundo Faraco (2010, p.16) são estabelecidas as regras a serem seguidas por todos aqueles que querem falar e escrever de acordo com a norma-padrão, e a gramática descritiva, que “não considera o conceito de “certo”

ou “errado”, isso porque entende a língua como sendo algo elaborada pelos falantes e que compete aos gramáticos estudar e compreender o material criado por esses falantes”.

Tal fato quer demonstrar que a Linguística considera o uso que um indivíduo faz de seu idioma relacionado ao contexto em que está inserido, ou seja a linguagem irá variar de acordo com as práticas sociais e concretas e estigmatizar uma variedade. Classificá-la como “erro” diante de uma outra é um preconceito linguístico, o qual será discutido a seguir.

PRECONCEITO LINGUÍSTICO

A língua, diferente do que muitos creem, não é uma instituição imutável e homogênea, que é concebida de forma isolada e sem relação com seus falantes. Ao contrário, todas as línguas vivas transformam-se no transcorrer do tempo. Portanto, a mudança linguística é universal, sucessiva, gradual e dinâmica, embora ocorra com certa regularidade. (COSTA, 1996).

O que faz acreditar em uma língua estática e imutável são as normativas da gramática tradicional, empregadas principalmente na língua escrita, porém a linguística moderna dá ênfase à língua oral em relação à língua escrita por numerosos motivos, sendo um deles o fato de que todas as sociedades humanas conhecidas têm a habilidade da fala, mas nem todas têm a escrita. (COSTA, 1996).

Nesse contexto, Costa (1996) destaca que a fala é uma habilidade com a qual o ser humano nasce, e apenas a aperfeiçoa no decorrer de sua vida. O fato é que o ser humano nasce, cresce e desenvolve-se dentro de uma cultura e uma tradição, envolto por costumes, imerso em um grupo socioeconômico, mas, principalmente, constitui-se como sujeito da/na língua. Porém existe uma preleção predominante que admite como certa a norma padrão instituída na língua portuguesa e, em decorrência disso, tudo o que não está regulado como norma padrão/culta, é avaliado como errado.

Esse contexto padrão é comumente percebido em situações como em uma hierarquia, na qual o superior, ou a pessoa mais instruída acaba por não admitir certos termos e usos de seus subordinados, ou dos menos instruídos. Tal fato torna-se um vício, os com maior conhecimento da língua não admitem as variantes utilizadas por outros, sendo que quem o possui acredita expressar-se melhor do que os demais, mas ignora suas próprias variantes. Dentro desse contexto, surge o preconceito linguístico, o qual anula a bagagem que as pessoas carregam consigo, contribuindo ainda com a inibição do sujeito ao falar em determinadas

situações, por medo de não usar a língua padrão da maneira percebida como correta. (COSTA, 1996).

Dentro desta dinâmica Bagno (2002, p. 18) observa que a educação linguística que aparece logo no início da vida de um indivíduo precisaria ser tratada de maneira diferente. Segundo ele, a educação linguística se constitui em:

O desenvolvimento ininterrupto das habilidades de ler, escrever, falar e escutar; O conhecimento e reconhecimento da realidade intrinsecamente múltipla, variável e heterogênea da língua, realidade sujeita aos influxos das ideologias e dos juízos de valor; A constituição de um conhecimento sistemático sobre a língua, tomada como objetivo de análise, reflexão e investigação.

Segundo Bagno (2002), o aprender a comunicar-se e fazer-se entender é mais importante que aprender a gramática formal, e tal aprendizado só é possível com a utilização das variantes da língua no ensino/aprendizado. Deve-se ainda ressaltar que, no dia a dia, é mais usada a comunicação oral do que a escrita. A realidade brasileira vai em contramão ao defendido pelo autor uma vez que as crianças são doutrinadas apenas com base na gramática da língua padrão, e as mesmas desenvolvem-se com a ideia de que a língua aceita apenas o descrito na gramática, ou seja, o certo e o errado, quando na verdade existe a necessidade de uma flexibilidade da língua escrita e falada.

Com isso, segundo Bagno (2007) o preconceito linguístico ganha força, uma vez que para o autor:

[...] há erros mais “errados” (ou mais “crassos”) do que outros – a escala de “crassidade” é inversamente proporcional à escala do prestígio social: quanto menos prestigiado socialmente é um indivíduo, quanto mais baixo ele estiver na pirâmide das classes sociais, mais erros (e erros “crassos”) os membros das classes privilegiadas encontram na língua dele. Os falantes urbanos letrados detectam menos “erros crassos e constantes” na fala de pessoas de sua mesma origem social notoriamente privilegiada. (BAGNO, 2007, P. 29).

Bagno (2002) delibera, ainda, ressaltando que o preconceito é mais social do que linguístico, isso porque as pessoas tendem a aceitar os mesmos erros que os seus, ainda que em discrepância com a norma padrão, mas não acolhem erros distintos dos seus, especialmente se oriundos de pessoas de nível social ou grau de instrução inferior.

Um dos precursores do estudo das variações linguísticas, Labov (2008) destaca que é importante estudar a língua usada na vida diária, cotidiana, a língua em uso. Isso porque, para o autor, a língua é uma forma de comportamento social. Tal fato é comprovado ao deixarmos crianças em isolamento, estas não usam a língua; ela é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros.

Os estudos de Labov (2008) ressaltam a variação da língua, a qual é intrínseca ao próprio sistema e não acontece de maneira casual ou injustificável. Ou seja, os falantes, embora utilizem as mesmas expressões, possuem variações, sejam culturais, sociais, não existindo um padrão absoluto de correção, mas critérios de adaptação às situações.

Nesse contexto, as variações linguísticas surgem para mostrar a capacidade de adequação comunicativa do falante. Ao estudarmos as variações linguísticas, observamos que, apesar de falarmos a mesma língua, falamos com características únicas, as quais nos tornam diferentes uns dos outros, isto porque cada indivíduo se expressa de maneira diferente, e isso tem relação com sua origem, classe social e com a época em que vivem. Por isso é fundamental que o indivíduo saiba empregar a língua conforme a situação em que se encontra.

De acordo com Andrade (2012, p. 541), os sistemas linguísticos são compostos por todas as variedades existentes, adaptados às necessidades comunicativas dos falantes, sob influência das práticas sociais e influência cultural de determinada sociedade. Ainda é possível identificar diferenças na língua entre os sexos, faixas etárias e níveis de alfabetização, classes sociais e localização geográfica. Para o autor, as variações linguísticas podem dessa forma ser geográficas, de gênero, socioeconômicas, etárias, de nível de instrução, urbanas, rurais, etc.

É visível a necessidade de conhecer as distinções entre as variações para assim entender a importância destas e a sua adaptabilidade a diferentes situações. Com essa finalidade analisamos a charge para identificar as variações linguísticas. Segundo Oliveira (2001, p. 265) as charges são textos que constituem uma ampla memória social, sem a qual não existiria história, que só se institui pelo discurso. É importante destacar que a charge representa um fato histórico, o que a torna memorável. Tal ferramenta tem ainda conquistado um amplo espaço no processo educacional, porque a charge faz com que o leitor exerça a interpretação, desenvolva o senso crítico e também aprenda sobre variações da linguagem que são discutidas na próxima seção.

ALGUNS TIPOS DE VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Devido à crença de que a língua era homogênea, estudiosos e seguidores da Gramática Normativa estabeleceram uma abordagem bastante prescritiva que classificava, e ainda classifica, como erro tudo que se afasta da chamada norma padrão. Entretanto, houve uma mudança de posicionamento e a heterogeneidade da língua passou a ser considerada por linguistas que as defendem.

Complementando tal posicionamento, Mussalim e Bentes (2007, p. 33) apontam que é possível "assegurar que nenhuma língua se apresenta por uma entidade homogênea, ou seja qualquer língua é representada por um conjunto de variedades [...]". No entanto, muitos entendem a variação linguística como um problema, uma falha no momento de realizar a comunicação e que a língua é algo fixo, imutável, toda padronizada e que qualquer manifestação linguística contrária às apresentadas pela norma padrão, estabelecida pela gramática normativa, é censurável.

Nesse mesmo contexto, Bortoni Ricardo (2004, p. 37-38) afirma que, no decorrer de muitos anos, a sociedade instituiu o ensino de uma língua materna homogênea, ignorando qualquer maneira de variedade linguística. Embora tenham ocorrido mudanças nas práticas pedagógicas nos últimos anos, ainda é visível a não aceitação de alguns educadores no que norteia a heterogeneidade da língua e o modelo de ensino tradicional continua sendo praticado nas escolas.

Mollica (2004) e Bagno (2008) direcionam suas opiniões para o fato de que a variação ocorre em todos os níveis da língua: fonético e fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e estilístico-pragmático, sendo que os fatores fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e lexicais fazem parte de um conjunto interno das variáveis linguísticas.

Segundo Andrade (2012, p. 541), dentre essas variáveis, encontram-se as externas, que dizem respeito aos fatores relativos ao indivíduo, como etnia e sexo, os fatores sociais, dentre eles o nível de escolaridade, de renda, profissão e classe social além do grau de formalidade e à tensão discursiva. Considerando a terminologia científica, pode-se considerar a variação da língua como sendo diatópica, diastrática, diamésica, diafásica e diacrônica.

De acordo com Bagno (2008a) a variação diatópica diz respeito às mudanças observadas na comparação entre os falares de lugares diferentes, por exemplo, os moradores da zona rural e zona urbana. Enquanto a variação diastrática, diz respeito às mudanças observadas na fala de indivíduos de diferentes estratos sociais. Existe ainda a variação diamésica, a qual é observada quando ocorre a comparação entre língua falada e língua escrita, a variação diafásica, que se refere ao grau de monitoramento do indivíduo ao proferir sua fala e a variação diacrônica, observada a partir da comparação dos usos da língua em diferentes contextos.

Labov (2008), descreve as variedades diastráticas como sendo as que ocorrem verticalmente, ou seja, dentro de uma comunidade específica, independente desta ser urbana ou rural. Nestas, ocorre a influência de fatores ligados ao falante ou ao grupo a que ele pertence,

bem como fatores ligados à situação de fala, o que pode ocorrer por uma influência simultânea de dois fatores distintos.

No que se refere às variedades diastráticas, Preti (1982) descreve como sendo os fatores diageracional, o de idade, e diageneracional, o sexo, os demais fatores, como raça ou cultura, profissão, posição social, grau de escolaridade, residência, como fatores relacionados com a fala, estando ligadas ao ambiente em que o diálogo ocorre e podem gerar um nível de linguagem formal ou informal, sendo esses fatores disastrásticos.

De acordo com Labov (2008), são três as classificações das variações da língua geográficas, sociológicas e contextuais. Para o autor, as variações geográficas têm relação com as variações regionais, ou seja, as mudanças da língua de região para região, está muito próxima da variação social. As variações sociológicas dizem respeito a fatores como sexo, idade, profissão, grau de escolaridade, classe social, etnia e outros fatores que possam determinar traços da origem do indivíduo em sua fala. As variações sociais dizem respeito a tudo que não está relacionado ao indivíduo, mas interfere no diálogo, como a pessoa com quem falamos, o ambiente em que ocorre a fala e o tema que é tratado.

Para Barbosa (2016, p.05), as variações são originadas de ajustes em função do contexto situacional e do receptor da mensagem. As variações situacionais representam as variações que se estabelecem em função do contexto comunicativo, ou seja, a ocasião é que determina a maneira como nos dirigimos ao nosso interlocutor, se deve ser formal ou informal. A variação situacional é registrada nos usos distintos que o indivíduo faz da língua de acordo com a situação/contexto em que ele se encontra e pode ser descrita como uma forma de linguagem que o indivíduo utiliza em casa, na mesa de um bar, em um encontro com os amigos, com o chefe, dentre outros. Quando empregada na linguagem escrita, podemos identificá-la em um bilhete deixado na porta da geladeira, em um e-mail que se envia a um amigo, em uma resenha orientada pelo professor, entre outros.

Bagno (2007, p. 45) ressalta que a variação situacional se trata de “cada situação e demanda do indivíduo que fala ou escreve um domínio maior ou menor, tanto da conduta, em geral, quanto do desempenho verbal da pessoa”, ou seja, cada pessoa, independentemente de seu grau de instrução, classe social, idade, etc., altera o seu jeito próprio de falar, podendo ser mais ou menos consciente, de acordo com a situação em que está. Para Bagno (2007), tal variação pode ser descrita como “estilo” ou “registro”.

Mota (2002) descreve que esse tipo de variação concebe as variações que se constituem em função do contexto comunicativo, em que a ocasião é que determina a forma como uma

pessoa se dirige ao interlocutor, podendo ser de maneira formal ou informal. Neste sentido, ao observar a variação situacional, percebe-se a consciência do falante, que se harmoniza com a situação imediata do ato de falar, no sentido de demonstrar a sua capacidade e conhecimento comunicativo e de dialeto, independentemente de seu grau de escolaridade (MOTA, 2002).

Mussalim e Bentes (2001, p. 60), exemplificam as situações linguísticas tomando como exemplo um professor em três situações distintas, a primeira no restaurante universitário, conversando trivialidades com seus alunos; no segundo momento em sala de aula, desempenhando a sua profissão; e a terceira situação no auditório, ministrando uma palestra em um congresso, momento este que exige o uso da variante padrão. Segundo as autoras observa-se aqui a variação da linguagem de acordo com a situação vivenciada, e conseqüentemente, a noção de heterogeneidade.

Para Labov (2008, p. 78) as variações situacionais consistem em dizer a mesma informação, porém de maneira variável. Em outras palavras, a heterogeneidade de que se fala é acendida de duas ou mais formas de variações/variantes alternativas em concordância com elementos linguísticos internos ou extralinguísticos a produzirem ou limitarem a variação.

ANÁLISE DA CHARGE

A comunicação é muito ampla e dinâmica já que existem diversas formas de empregá-la, seja a comunicação falada ou oral, a escrita e a que une a comunicação visual com a verbal, que é o caso da comunicação por meio das histórias em quadrinhos, charges, cartuns, tiras e crônicas. Neste estudo, dá-se especial atenção às charges, as quais tratam, em sua maioria, de um texto humorístico cujo tema é extraído de temáticas em destaque na sociedade. Neste estudo, tratamos das variações que são apresentadas na charge, analisando, com maior ênfase, a variação linguística situacional.

Assim, apresentamos, a seguir, a charge de Roberto Kroll que, conforme já evidenciamos, será analisada com o intuito de ressaltar a importância da variação linguística e sua adaptabilidade a diferentes situações comunicativas. A escolha dessa charge foi feita devido ao rico conteúdo implícito na linguagem não verbal e que é complementado com o texto verbal, os quais serão descritos com mais propriedade no decorrer de nossa análise.

Figura 01 – Charge de Roberto Kroll



Fonte: <http://www.robertokroll.com.br/2017/12/norma-culta.html>

Analisando o texto presente na charge, podemos observar a presença da variação diacrônica. Tal percepção se dá a partir do texto escrito que faz uso de termos arcaicos, ou seja, são termos que caíram em desuso e raramente, ou quase nunca, são utilizados, até mesmo na escrita formal, por isso soam estranho quando ouvimos ou lemos tais palavras como é o caso, por exemplo, da mesóclise. No caso da charge, de certa forma, inapropriados para o contexto, uma vez que a situação ocorre em uma praia, ambiente de conversa descontraída, onde é comum o uso de gírias, e uma forma de comunicação mais informal. Os termos aplicados, embora corretos perante a gramática normativa, tornam-se inadequados ao ambiente onde o fato ocorre, estando este mais apropriado a um ambiente mais formal.

Também é possível identificar, na charge, a existência de uma variação histórica, que se refere a uma variação que ocorre ao longo de um determinado período de tempo, podendo ser identificada ao se comparar dois estados de uma língua. Em outras palavras, ao lermos um texto do século XVII e XVIII, por exemplo, observamos registros linguísticos que contemporizam com os de hoje sendo que certos termos se tornaram antiquados, outros persistiram, mas com algumas adaptações. Tal fato é perceptível na charge pelos termos como “Movimentos Elípticos”, expressão que causa estranheza e falta de familiaridade, porém, em alguns casos tais termos ainda são empregados.

Observa-se, então, na charge, a utilização de uma norma culta e mais formal por parte do interlocutor, ficando claro, assim, que a língua apresenta inúmeras variações, isso porque não somos todos iguais e devido ao meio social em que permanecemos existirá uma tendência da língua característica deste ambiente, o indivíduo que protagoniza a fala poderá adaptá-la ao

seu perfil ou ao grupo a que pertence. O fato é que comunidades diferentes vivenciam situações distintas e isso se reflete nos referentes sistemas linguísticos: lexical, morfológico e sintático.

Nesse mesmo contexto podemos dizer que a gramática normativa, considerada e tida como padrão e correta, acaba por se tornar um erro, tendo em vista que não se adaptou à situação em que foi aplicada. O que é preciso, assim, é saber analisar o conjunto como um todo para, a partir disso, dizer o que é possível e o que não se adequa à situação comunicativa, não é pertinente analisar apenas um ponto. Dessa forma, a partir do que é exposto na charge, a gramática normativa estaria correta desde que ocorresse em um outro ambiente, com um outro público. Na situação em que foi apresentada, não há adequação ao ambiente e à situação vivenciada.

Outro ponto que tem destaque na charge é o vestuário dos interlocutores que estão em uma praia, onde seria comum o uso de roupas leves, de banho e apropriadas para a exposição ao sol, porém o que se observa é que um dos interlocutores está vestido de maneira “apropriada” enquanto o outro está “inapropriado”, trajando terno, gravata e sapatos social. Tal situação vai ao encontro da adaptabilidade da linguagem que permite ao falante o uso de termos que estejam de acordo com a situação em que se encontram e com seus interlocutores. Nesse caso, o que seria apropriado, seria o uso de roupas despojadas, assim como os diálogos, mais informais, descontraídos, utilizando, muitas vezes, de gírias e uma linguagem propícia do grupo em destaque do interlocutor.

No entanto, não podemos dizer que o modo de se vestir com terno, gravata e sapatos está errado, mas sim inadequado. Isso ocorre com a linguagem, não podemos classificar que a forma de falar da pessoa está errada, mas como inadequada à situação, ao local, à região ou ao círculo de pessoas com a qual está dialogando. Portanto, assim como cada pessoa se veste de acordo com a situação que irá vivenciar, da mesma forma, deve falar de acordo com cada contexto, com cada interlocutor, pois em um mesmo ambiente podem existir uma grande variação de linguagem, isso tudo associado a fatores tais como, idades, gênero, grupo social, profissão, nível de escolaridade, região.

O que é possível notar, assim, é que o indivíduo precisa adequar-se e vestir-se conforme o contexto em que se encontra, pois, a língua permite e exige essa adaptação e é preciso que a linguagem seja compreendida e que o processo comunicativo seja efetivado entre os interlocutores, ou seja, se não houver compreensão por um dos falantes, não haverá comunicação. Deve-se, no entanto, ressaltar, que tal fato de podermos empregar em dadas situações uma linguagem mais informal, não significa a falta de conhecimento e de aprendizado

da linguagem padrão, mas sim de uma adequação à situação vivenciada, gerando assim uma convivência sem preconceitos e discriminação.

Analisando, ainda, com relação a roupa dos interlocutores, podemos observar a distinção existente: um está vestido de maneira formal usando terno, gravata e sapatos em um ambiente no qual tal vestuário não condiz com a situação, enquanto o outro está caracterizado com a realidade do ambiente. Se analisarmos através desse contexto, a norma padrão, é possível dizer que o uso de uma linguagem muito rebuscada foi inadequado, já que não se adequa ao contexto, ao interlocutor, à situação comunicativa que ocorre, de um modo geral, não podemos caracterizar algo como certo ou errado, sem antes analisarmos cada situação vivenciada, o contexto do processo comunicativo, sendo para isso analisado desde o ambiente em que ocorre, a escolaridade, idade, linguagem materna, aprendizados, vícios de linguagem, ao qual o interlocutor esteve exposto durante toda a sua vida.

Embora não esteja explícito na charge, pode-se observar que, mesmo com a diferença tanto da linguagem, quanto do vestuário, não se percebe um preconceito por parte do interlocutor. Porém esta é uma problemática gerada pela variação linguística: o preconceito linguístico. Sendo assim, através da utilização das variantes e variáveis presentes na sociolinguística, muito da diferenciação social pode ser minimizado, uma vez que se analisa o contexto comunicativo como um todo, e a gramática do certo e errado passa a ser secundária.

O fato é que se sabe que a língua existe e está em constante variação ou mutação e com o passar do tempo, vão surgindo novas formas de se comunicar e, com isso, a língua acaba se transformando. Embora exista um vocabulário dito como correto, não existe uma forma de não aceitar a linguagem do outro, sem estar utilizando do preconceito. Além disso, impondo uma linguagem taxativa, voltada unicamente às normas padrão, o ser humano perderia sua essência de comunicar-se através da linguagem. Percebe-se muito preconceito sobretudo na forma de falar, nos vícios de linguagem que as pessoas apresentam, o que, em algumas situações, não é aceito e acabam gerando preconceitos. Isso não ocorreu na charge, pois, embora o interlocutor utilize de termos arcaicos e inapropriados para a situação tais como “movimentos elípticos” ou “pegá-las-emos”, foi escutado com atenção.

Analisando mais criticamente e especificamente a variação situacional, podemos dizer que esta não ocorre na charge, uma vez que o falante não adaptou a sua fala ao ambiente e assunto ao qual se referia, pois utilizou uma linguagem culta em um ambiente descontraído, o que não quer dizer que esteja errado, mas sim inadequado para o contexto apresentado. Para descrevermos a variação linguística situacional devemos observar o que descreve Camacho

(2011) existem dois estilos possíveis: o estilo informal, em que é mínimo o grau de reflexão sobre as formas empregadas e o estilo formal, em que é máximo o grau de reflexão que se projeta sobre as formas linguísticas, sendo que no estilo informal a adesão às formas prestigiadas ou cultas é menor do que no estilo formal. Na charge, observamos que ocorre o emprego de uma linguagem culta e formal, o que destoava do ambiente em que ocorre a comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisarmos o contexto bibliográfico existente sobre as variações linguísticas, bem como a charge de Roberto Kroll, podemos concluir que, embora existam vários trabalhos direcionados ao tema de variação linguística, este assunto é muito amplo e demanda uma atualização e estudos constantes, pois não existe o certo e o errado, uma vez que a língua é mutável e adaptável ao espaço, lugar, situação, idade em que é utilizada.

O presente estudo teve como objetivo principal evidenciar, a partir da análise da charge de Roberto Kroll, a importância da variação linguística e sua adaptabilidade a diferentes situações comunicativas. Ficou claro que adequar a nossa linguagem em particular a cada situação é crucial para que a comunicação ocorra de maneira clara, objetiva, e compreensível por ambas as partes. Tal fato não quer dizer, no entanto que existe um certo ou um errado, mas que ao adaptarmos conseguimos que ocorra efetivamente a comunicação.

Desta forma podemos evidenciar que nenhuma manifestação linguística é superior à outra. Observamos com o presente artigo, que cada variação de linguagem tem suas características bem como seu espaço no meio comunicativo e que, para isso, é necessário apenas saber adaptar a língua ao contexto que está sendo apresentada. Fato este observado na charge, uma vez que a linguagem utilizada era inadequada, por ser formal e culta demais, porém isso era para aquela situação, sendo que a mesma linguagem poderia ser considerada totalmente adequada em outro ambiente ou lugar.

Podemos salientar que, em determinados contextos, até mesmo a gramática normativa pode virar "erro". Embora existam inúmeras críticas por parte dos gramáticos quanto às variações, ficou claro através da análise da charge, que existem, sim, casos em que a situação poderá exigir uma variação por parte de gramática, para que assim o contexto ocorra de maneira correta e condizente com a situação apresentada. Caso contrário a gramática passa a ser inadequada. Portanto não podemos dizer que há uma língua certa e/ou errada sem antes analisar todo o contexto, a situação, o meio, o público, o porquê, e a finalidade, o som, a construção

frasal, enfim uma série de fatores para definir o correto e o errado.

Ao expor concepções de variação que geram o preconceito linguístico, nota-se que as variações podem ocasionar situações de preconceito, embora que do ponto de vista linguístico, não existe variedade linguística melhor ou mais correta do que outra. Existem situações que acabam gerando desconforto e preconceito, tais como pessoas de baixa escolaridade, ou vindas do interior, ou vindas de regiões distantes dos grandes centros urbanos podem ser ridicularizadas ou inferiorizadas por falarem uma variedade diferente daquelas prestigiadas socialmente. Para evitar o preconceito é necessária atenção a qual variedade linguística é mais adequada a essas situações.

Com a análise da charge foi possível mostrar a capacidade de adequação comunicativa do falante através da variação situacional. Fica claro a diversidade, a flexibilidade, a amplitude que a linguagem pode abranger e quão complexo é este universo. Cada situação apresentada, pode proporcionar uma forma de usar a linguagem distinta, o que pode ir da formal a informal, não existindo, no entanto, um certo ou um errado, mas sim um adequado ou inadequado. O mesmo termo pode ser aplicado em distintas situações, porém para cada qual ter uma representação e dar um sentido a frase ou a situação ao qual está sendo descrita. Na charge, os termos utilizados podem parecer confusos, errados, inadequados para o local e o público ao qual foi falado, porém o texto falado a um grupo de gramáticos, ou físicos, ou mestres, pareceria completamente coerente e adequado. Portanto não é a gramática padrão que necessita ser modificada, mas sim a capacidade de cada falante de saber, quando, onde e como usar a linguagem. Desta forma, com conhecimento e discernimento o uso da linguagem será um campo vasto e promissor, dinâmico e certamente de fácil aprendizado.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, R.C. **A variação linguística no ensino de Língua Portuguesa**. Revista Eventos Pedagógicos, v.3, n.1, Número Especial, p. 537 – 546, abr. 2012. Disponível em:<<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/590/405>>. Acesso em: 10 julho 2020.

BAGNO, M. **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz?** 50 ed. São Paulo: Loyola, 2008.

BARBOSA, M. L. **A importância da variação linguística (dialetos e registros) no ensino da Língua Portuguesa.** IV CONAVE. 2016. Disponível em : <<https://www.fc.unesp.br/Home/conave/conavexxxx2015/a-importancia-da-variacao-linguistica-dialetos-e-registros-no-ensino-da-lingua-portuguesa.pdf>>. Acesso em: Julho, 2020.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa.** 38. ed. rev. ampl., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em Língua Materna: a sociolinguística em sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CAMACHO, R. G.. **Norma culta e variedades linguísticas.** In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

COSTA, V.L.A. **A importância do conhecimento da variação linguística.** Educ. rev. no.12 Curitiba Jan./Dec. 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.157>. Acesso em Junho, 2020.

FARACO, C. A. **Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós.** In: BAGNO, M. (org.). Linguística da norma. São Paulo: Loyola, 2002, cap. 3. p. 37-61.

FARACO, C. E. **Gramática.** 20. ed., 5. impr. São Paulo: Ática, 2010.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

LYONS, J. **Lingua(gem) e lingüística: uma introdução.** Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MOLLICA, C. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação.** In: MOLLICA, C.; BRAGA, M. L.(orgs.). Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004.

MOTA, J. **A variação diafásica no português do Brasil.** Revista de Letras. Fortaleza, CE: Nº 24, vol. 1-2, jan./dez. 2002.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras.** Vol. 1. São Paulo: Contexto, 2001.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras.** São Paulo: Cortez, 2007.

MURRIE, Z. et al. **Projeto Escola e Cidadania para Todos: Língua Portuguesa.** 816p. São Paulo: Editora do Brasil, 2004.

OLIVEIRA, M.L.S. **Charge: imagem e palavra numa leitura burlesca do mundo.** In: AZEREDO, J. C. Letras & Comunicação: uma parceria para o ensino de língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 2001.

PRETI, D. **Sociolinguística: os níveis de fala.** 4. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.